ranja nos dois cenários utilizados. A partir do preço médio de R$ 9,25 por caixa, a laranja passa a ser atrativa. Atualmente os citricultores de contratos firmados com a indústria recebem em torno de U$ 3,00. Na média dos últimos anos em valores reais o preço da caixa de laranja, com dados obtidos a partir do indicador de preços da Esalq, foi de R$ 6,27/caixa.

No que se refere à taxa interna de retorno, a cana-de-açúcar obteve remuneração superior às demais atividades em todos os cenários considerados e justifica a sua evolução da área. O seu retorno financeiro é mais rápido e a rentabilidade aparece no primeiro ano da cultura. O citricultor verá lucro a partir do quarto ano após o plantio das primeiras laranjeiras.

Os resultados necessitam de adequação às características individuais dos produtores. A produtividade e os preços são valores incertos e podem alterar os resultados projetados. Contudo, na tomada de decisão do projeto, o empresário deve ponderar além das incertezas, as suas relações contratuais no mercado e a classe de risco disposta a assumir. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bussey L.E. The economic analysis of industrial projects. New York: Prentice-Hall, 1999. 41p. (International Series In Industrial and Systems Engineering)

Clemente, A. (Org.). Projetos empresariais e públicos. São Paulo: Atlas, 1998.

Galesne, A.; Fensterseifer, J.E.; Lamb, R. Decisões de investimentos da empresa. São Paulo: Atlas, 1999.

Lapponi, J.C. Avaliação de projetos de investimento: modelos em excel. São Paulo: Lappon Treinamento e Editora Ltda, 1996.

Matins, E. (Org.). Avaliação de empresas: da mensuração contábil à econômica: São Paulo: Atlas, 2001.

PEDRO VALENTIM MARQUES *é Ph.D. pela University of Kentucky, Estados Unidos. Professor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP. Pós-Doutorado na University of Colorado, Estados Unidos, e responsável pelo Programa de Educação Continuada PECEGE-ESALQ.*

RICARDO DE ASSIS PERINA *é mestre em economia aplicada, pela ESALQ-USP, professor universitário e do Programa de Educação Continuada PECEGE-ESALQ.*

Previsão de sa
o mercado ner

Produção deve ficar entre 34 e 38 milhões de toneladas, bem abaixo da expectativa inicial

ARMANDO MATIELLI
ANDRÉ LUIS MATIELLI

A previsão da Conab, divulgada em dezembro, que aponta uma produção de café para a safra 2004/2005 entre 34,1 e 38,47 milhões de sacas, trouxe nervosismo ao mercado internacional e alterou as cotações nas bolsas de Nova York (CSCE / NYBOT) e Londres (LIFFE). A expectativa era de uma colheita na casa dos 40 milhões de sacas.

A quebra marcante na produção decorre da debilidade das lavouras em conseqüência do descaso nos tratos culturais essenciais. Entre 2001 e 2002, o nível da adubação e o controle fitossanitário caíram, respectivamente, 52% e 58% , segundo a própria Conab.

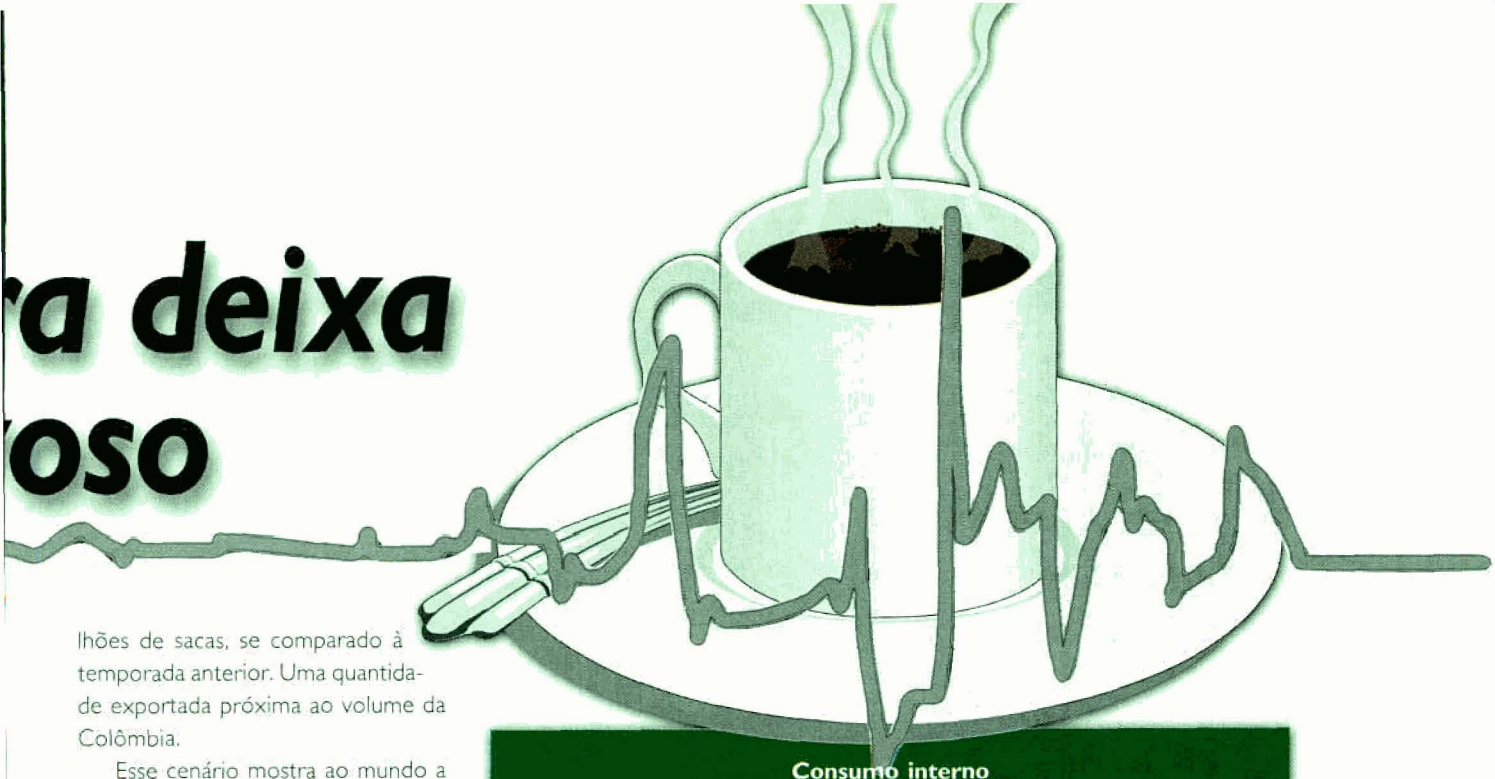
O volume entre as safras 2003/04 e 2004/05 chegou a 63 milhões de sacas. Para um consumo interno anual de 13,5 milhões ou bianual de 27 milhões de sacas, haverá uma sobra insuficiente para exportação de 36 milhões de sacas. Em 2002, foram embarcadas quase 30 milhões de sacas exportadas.

A estratégia comercial deverá ser de colocação gradual no mercado externo do "carry over" e os estoques da pré-comercialização. O Brasil não terá "pique" para manter o ritmo das exportações dos últimos anos.

As "atuchadas" registradas até o final do primeiro semestre já perderam força. Os embarques entre julho a novembro ficaram 3,8 milhões de sacas abaixo do mesmo período do ano passado. Em novembro, foi exportado 1,836 milhões de sacas, contra 2,9 milhões no mesmo mês de 2002. Uma redução de 1,06 milhões de sacas. Dezembro não será ser muito diferente de novembro. O segundo semestre sofrerá uma queda de 5 milhões de sacas em 2003, quando comparado a 2002.

Para o primeiro semestre de 2004, o comportamento das exportações brasileiras seguirá em ritmo cadente e haverá mais perda de market share. Na melhor das hipóteses, o ano safra entre julho de 2003 e junho de 2004 enfrentará uma queda de 8 a 10 mi-

ra deixa oso



lhões de sacas, se comparado à temporada anterior. Uma quantidade exportada próxima ao volume da Colômbia.

Esse cenário mostra ao mundo a fraqueza da logística do setor cafeeiro nacional. Um erro na administração da oferta, baseada no pressuposto de perpetuar a obtenção de safras recordes. Esquece que as lavouras cafeeiras precisam de tratos culturais.

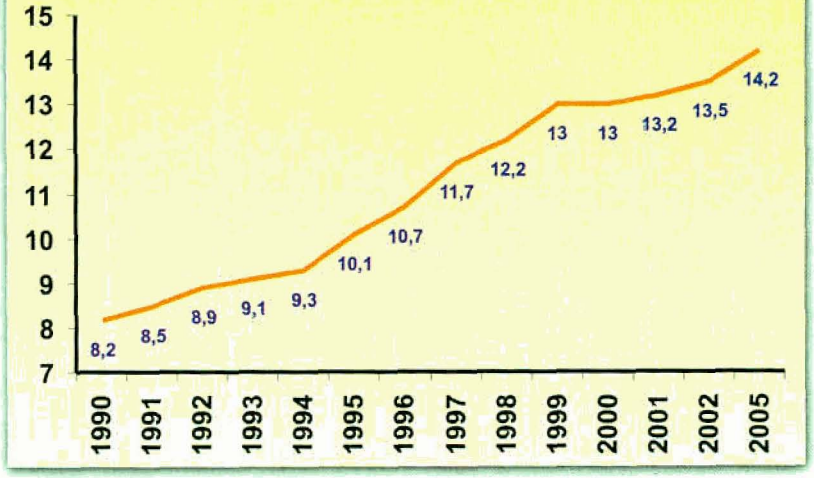
Muitos produtores descapitalizados e sem recursos abandonam seus cafezais.

Para agravar ainda mais a situação, os cafezais atravessam a época de recebimento dos tratos culturais. Novamente, as árvores não recebem os tratamentos necessários. Com relação de troca desfavorável no café, entre preço recebido pelo produto e preços pagos para adubo e defensivo agrícola ; a soja, a cana-de-açúcar e o milho absorvem a demanda desses insumos. Enquanto isso, a cafeicultura padece da falta de crédito bancário para os seus devidos custeios .

As lideranças estão certas quando afirmam a necessidade de erradicar 700.000 hectares de café. Para a safra 2005 / 2006 a produção minguará e o market share declinará. A rubiácea não poderá ter a fobia das alturas dos preços. ■

ARMANDO MATIELLI e **ANDRÉ LUIS MATIELLI** *são cafeicultores em Guapé (MG)*

Consumo interno



Exportações brasileiras

